

ARGENTINA 2023

PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL: ENTENDENDO O QUE SE PASSOU

Por Rui Tavares Maluf*

Nas **24 horas** seguintes a divulgação do resultado do pleito presidencial da Argentina de domingo, 22 de outubro, muitos falaram e escreveram procurando explicar a (quase) surpreendente vitória parcial do ministro da Economia Sérgio Tomás Massa sobre seus dois principais rivais, especialmente Javier Gerardo Milei “*El Loco*” sobre quem abriu vantagem de 6,5 pontos percentuais dos votos válidos. De forma quase predominante, as explicações partiram da comparação tanto das pesquisas de intenção de voto (ainda que não houvesse entre estas uma total homogeneidade à exceção de que apresentavam certo emparelhamento entre os dois mencionados e um enfraquecimento de Patricia Bullrich) como dos resultados das eleições *Primárias, Abertas, Simultâneas e Obrigatórias (PASO)*, realizadas em 13 de agosto. E quase todas as análises se basearam em dados anteriores aos do início da madrugada de segunda-feira, 23 de outubro, os quais alteraram de forma importante alguns números até alcançarem a marca de 98,51%, especialmente no âmbito das províncias, mesmo que não tenham mudado as posições finais dos cinco concorrentes.

Primeiramente não é demais sublinhar que o próprio resultado das PASO foi um fator relevante para a força oficialista dobrar seu esforço de maneira a minimizar o prejuízo. Em segundo lugar, houve redução do número de candidatos. Na oportunidade havia um total de 27 pré-candidatos e na coligação de Sérgio Massa, União pela Pátria, havia um concorrente direto, Juan Grabois, quem amealhou 1,39 milhão de votos (número nada desprezível para uma candidatura sem qualquer chance de vencer a oficial). Depois dos resultados das PASO, o total de candidatos caiu para cinco. Em terceiro lugar, entendo que comparar o resultado de agora com as PASO não é o mais indicado porque as primárias são um momento de oficialização das candidaturas, apesar de serem obrigatórias para os eleitores, e, portanto, há disputa no interior dos partidos e das coligações.

Além do que apontei até aqui, mesmo que o ministro Sérgio Massa tenha falhado até agora em entregar algo substantivo e confiável para reverter a combalida economia argentina em seu um ano e três meses à frente do cargo nessa fase final e dramática do mandato do presidente Alberto Fernandez (quando a inflação acumulada anual é de 138%), há que sublinhar que ele jamais passou a ideia (e bem antes de ser ministro) de ser alguém do núcleo do peronismo mais atrasado, seja em sua vertente kirchnerista ou qualquer de suas outras alas, apesar de lhe ser conveniente já ministro ouvir, provavelmente, os recorrentes gritos da militância peronista e sindical de “*Fora FMI*”, pois operar em um mundo binário às vezes é mais conveniente do que admitir a complexidade do problema a enfrentar. E o “*Fora FMI*” é quase equivalente para os que assim gritam a “*Abaixo o Imperialismo*”. Ele transmitiu quase invariavelmente a mensagem de ser alguém aberto ao diálogo demonstrando serenidade (ou quem sabe “*cara de pau*”) mesmo diante de um quadro difícil como o que seu país vive. E mais: nos dois debates obrigatórios transmitidos pelos meios de comunicação, o ministro da economia não se desequilibrou emocionalmente apesar de serem justas muitas das duras críticas que lhe foram dirigidas por seus quatro concorrentes.

Para ajudar a compreensão mais abalizada sobre o resultado desse primeiro turno, o mais indicado é mobilizar os resultados produzidos pelas 23 províncias e pela capital federal (*Cidade Autônoma de Buenos Aires – CABA*), destacando de início dois aspectos importantes;

1) eleições regionais simultâneas à nacional foram realizadas em mais de uma província (federalismo diferente do Brasil nesse aspecto quando as regionais – estaduais – ocorrem todas juntas) e; 2) a decisiva importância do eleitorado da província de Buenos Aires, que reelegeu o governador Axel Kiciloff com expressiva votação e ele também um peronista. A referida província, sozinha, responde por 36,9% do eleitorado nacional sendo que o mesmo eleitorado representou na votação total de Massa nada menos que 43,8% de tudo que amealhou no país, o que não é necessariamente uma boa notícia porque mostra desequilíbrio e razoável dependência desta jurisdição para o segundo turno. Para tornar mais preciso, dou o exemplo do candidato Juan Schiavaretti, governador de Córdoba e que obteve apenas a quarta colocação ao final obtendo votação total muito atrás da terceira colocada Patricia Bullrich. Em sua província, que é o segundo maior eleitorado do país e responde por 8,74% da Argentina, esta participou com 37,31% de todos os votos de Schiavaretti no país. E na província de Buenos Aires, maior eleitorado, esta lhe conferiu 20,59% embora ele só tenha recebido 2,85% dos votos do eleitorado da mesma província. E na de Córdoba, apesar dele ter obtido a segunda posição, ele conseguiu 21,78% dos votos do eleitorado¹.

Indo um pouco além nas comparações. No Brasil de 2022 o eleitorado do estado de São Paulo, o maior do país, representou 22,2% do total (excluído exterior), mas deu para o primeiro colocado no primeiro turno, Jair Bolsonaro, 24% de tudo que conseguiu, isto é, ligeira vantagem sobre o que o próprio eleitorado estadual representa para o País. Porém, Massa extraiu vantagem de 6,9 pontos percentuais em relação à participação do eleitorado provincial no total. Além de Buenos Aires, em outras duas províncias apenas - Tucumã e Santiago Del Estero - o candidato oficialista teve votações positivas em relação ao que seus eleitorados representam no total nacional, 1,1 ponto percentual e 1,9 ponto percentual respectivamente. Ainda assim, as duas províncias contam com eleitorados abaixo da média nacional (**1.454.067**).

Outro indicador importante para conhecer o desempenho de um postulante é verificar sua votação percentual frente ao eleitorado apto a votar, pois esse recurso envolve mobilização, ou seja, a capacidade de trazer o eleitorado para a urna, permitindo a comparação com a própria abstenção eleitoral a qual se constitui no fator mais importante da taxa de marginalidade eleitoral – TME - (soma dos percentuais de nulos, brancos e abstenção, embora os votos em branco na Argentina sejam considerados válidos). E foi exatamente em Santiago Del Estero que Sérgio Massa conquistou sua mais expressiva vitória proporcional recolhendo 50,3% do eleitorado provincial, fato este que poderia até levantar alguma suspeita uma vez que seu segundo melhor desempenho se deu na província de Formosa com 39,1% do eleitorado, isto é, 11,2 pontos atrás, sendo que a média (27,6%) e a mediana (27,2%) foram bem mais baixas. Poderia levantar suspeita não fossem os antecedentes. Seu atual chefe, o presidente Alberto Fernandez obteve na referida província em 2019 nada menos que 59,3% de todo o eleitorado apto, isto é, seis pontos a mais do que seu agora candidato. A abstenção em Santiago Del Estero foi de 21,2%, ligeiramente mais baixa que a média provincial nacional 22,8% e que a própria taxa agregada nacional 22,4%.

Histórico do Partido Justicialista (PJ), ou Peronista

Ao longo do atual período democrático da Argentina, inaugurado com as eleições de 1983, o Partido Justicialista (PJ), nome oficial do Peronismo, concorreu sozinho ou em

¹ -Se o número de empresas e organizações é um indicador econômico importante para compreender o desenvolvimento do País, a CABA (35,3%), e as províncias de Buenos Aires (28%), Santa Fé (8,6%) e Córdoba (8,5%), são de longe as entidades com maior número no país de acordo com o Censo Econômico da Argentina (2020-2021), realizado pelo INDEC.

coligação com forças políticas provinciais que não tinham alcance nacional. Mas o PJ, embora como todos os demais partidos tenha seu atual registro datado a partir dessa primeira eleição na qual foi derrotado na eleição presidencial para Raul Ricardo Alfonsín (UCR), é um partido histórico que tal como a de seu concorrente vitorioso, a União Cívica Radical (UCR), antecede o *Peronismo*, que passou a ser um fenômeno populista a partir do final na década de 1930 com a ascensão do oficial do exército Juan Domingo Perón à condição de ministro do Trabalho de um governo militar que havia derrubado por meio de golpe de estado o governo democrático de um presidente da UCR. De 1983 a 2019, ano da eleição anterior a atual, nove eleições foram realizadas sendo que os candidatos peronistas venceram seis, a UCR duas eleições (1983 e 1999) e o PRO criado pelo ex-chefe de governo da CABA, Mauricio Macri conquistou uma (2015) com o apoio da UCR e outras agremiações menores. Macri, no entanto, ficou em segundo lugar no primeiro turno vencendo no segundo e perdendo já no primeiro turno sua tentativa de reeleição em 2019.

Ou seja, mesmo quando os candidatos peronistas perderam, seus adversários venceram em geral com menor diferença devido a sua força quase permanente em várias províncias, à exceção da primeira eleição do atual período, em 1983 e, agora, na décima eleição em 2023. As forças antagônicas ao *Peronismo*, como UCR e PRO e outras menores que expressam programas de centro e liberais, conquanto tenham algumas praças-fortes como seus adversários as tem em menor número.

Volatilidade

Embora tenha tido desempenho melhor do que o esperado, a votação do vencedor do primeiro turno, Sérgio Massa, apresentou volatilidade expressiva nas províncias. Considere o leitor que ele venceu em 13 destas, foi o segundo colocado em nove, e terceiro colocado (Mendoza) e quarto colocado (Córdoba) em uma cada (*vide tabelas 1 e 1.1. nos anexos*). Contudo, a posição obtida propriamente dita não diz tanto assim porque a diferença entre os candidatos à frente ou atrás pode ser maior ou menor alterando seu significado. E foi justamente no maior eleitorado provincial, Buenos Aires, que Massa abriu ampla vantagem em pontos percentuais com base no eleitorado sobre o segundo, isto é, 13,2 pontos sobre Javier Milei, embora tenha sido na de Santiago Del Estero (sobre a qual já tratei) que ele obteve uma gigante superioridade de 32,6 pontos sobre seu principal adversário. Mas na outra extremidade de pontuação e localizada no segundo maior colégio eleitoral do país, província de Córdoba e governada pelo concorrente na disputa presidencial Juan Schiavaretti, Massa ficou na quarta colocação e 15,1 pontos atrás do primeiro colocado, Javier Milei e 6,1 pontos atrás da terceira, Patricia Bullrich. O governador Schiavaretti foi o segundo. Nas 13 províncias nas quais obteve a primeira colocação, a média de vantagem de Massa em pontos percentuais sobre o segundo colocado foi de 8,1.

E como já seria esperado a vitória foi de Patricia Bullrich na CABA, pois a capital federal tem sido historicamente um bastião das ideias mais liberais e/ou mais à direita sob o critério econômico e nitidamente com comportamento político predominantemente antiperonista. No entanto, Massa conseguiu a segunda colocação. Não deixa de ser interessante que comportamentos eleitorais distintos quanto os observados na província de Buenos Aires e na capital federal tenham ocorrido geograficamente tão entrelaçados. Porém o eleitorado capitalino é “apenas” o quarto maior do país respondendo por 7,13% de toda a Argentina contra 36,93% da província homônima.

Javier Milei

A menor votação total de Javier Milei pode explicar o fato de a sua variação eleitoral nas províncias ter sido menor do que a de Massa ao menos quando se recorre ao critério do coeficiente de variação do desvio padrão em relação à média (18,1% para Milei e 27,1% para Massa) (veja tabela 2 nos anexos). Ademais, Milei venceu em dez províncias, ficando em segundo lugar em doze e em terceiro em duas. A província de Buenos Aires por ser de longe o maior eleitorado, e como não poderia deixar de ser para um candidato que ainda se pretende o próximo presidente da República, deu-lhe a maior votação em termos absolutos, mas contribuiu com “somente” 32,12% de seu total quando esta representa 36,9% de todo o eleitorado nacional, como já informei no início. Mais ainda: nessa maior província, ele teve 19,7% dos votos dentre todos os eleitores aptos a votar de sorte a que aí colheu seu terceiro pior desempenho. O pior de seus desempenhos com base nesse critério foi na capital federal (CABA) onde obteve somente 14,85% do eleitorado e ficou na terceira posição. De seus três melhores desempenhos com base no eleitorado apto a votar (acima de 30%), os dois maiores ocorreram em San Luis (33,17%) e Mendoza (31,65%). Tentando ser generoso com Milei e recorrendo a uma média móvel na qual se exclui os eleitorados a partir de um milhão, a de San Luis (416.759) fica abaixo da média (543.745) enquanto a de Mendoza (590.953) pouco acima.

Bullrich ajudará Milei a reverter o resultado desfavorável?

Na quarta-feira, 25 de outubro, Bullrich anunciou seu apoio a Milei, acompanhada de seu candidato a vice-presidente. A possibilidade dela contribuir para “El Loco” vencer a eleição no segundo turno existe, mas a probabilidade não parece ser muito grande, seja em razão de ter tido um desempenho modesto para fraco, seja pela significativa diferença programática entre ambos (bem clara nos dois debates), bem como pelo fato de a coligação que a apoiou ter se dividido em relação ao segundo turno.

É sempre importante ter presente que praticamente não há exemplos nas experiências eleitorais internacionais recentes de significativa transferência de votos entre primeiro e segundo turno por decisão das lideranças ao decidirem apoiar um dos dois finalistas. E há de se levar em conta como fator negativo a própria divisão entre os membros da coligação que apoiou Bullrich no primeiro turno. Se esta foi acompanhada na decisão por seu companheiro de chapa e pelo ex-presidente Mauricio Macri, isso não se deu com a tradicional força União Cívica Radical (UCR), que entende que não deveria haver posicionamento algum. Creio importante recordar que a UCR, do ex-presidente (falecido) Raul Alfonsín, teve relevante papel e compromisso com os direitos humanos e com a estabilidade democrática. E Javier Milei, bem como sua candidata vice-presidente, se diz simpatizante do regime militar que governou o país (1976-1983).

E para que se tenha um pouco mais claro o desempenho de Bullrich, tenha-se presente o seguinte: se por um lado a maior província do país Buenos Aires ter lhe assegurado 37,9% de toda sua votação, ela obteve ali somente 18,42% dos votos dentre os eleitores embora acima de sua média nas 24 unidades (15,52%).

Finalmente...por enquanto

Depois do susto inicial com os resultados, o candidato Javier Milei voltou a estar na disputa para o segundo turno, ao menos se considerarmos os resultados das primeiras pesquisas de opinião realizadas logo após o apoio a ele conferido por Patricia Bullrich e o ex-presidente Mauricio Macri, as quais indicam quase um empate técnico. Mas ainda é difícil ter certeza do que predominará aos olhos dos eleitores indecisos até os momentos finais da campanha, isto é, como enfrentar a difícil situação econômica do país que não permitirá a Massa governar se não lançar mão de algo totalmente diferente do o *peronismo kirchnerista* fez até aqui, o que parecerá traição aberta aos seus apoiadores de primeira hora. E, juntamente com a questão econômica, será necessário avaliar o que cada um representa para o sucesso do regime democrático uma vez que Milei é notoriamente um defensor do regime autoritário militar. Em uma hipotética vitória, não se sabe se seus arroubos seriam enquadráveis pelos seus mais recentes apoiadores.

Nos países em que há o princípio do segundo turno e o mesmo se faz necessário, como agora, o grande desafio para os dois finalistas é se preocupar com o comparecimento eleitoral mesmo nos casos em que o voto é obrigatório como na Argentina e no Brasil, pois haveria um risco de desmobilização da parte daqueles que não tiveram seus candidatos na final e também dos que haviam votado branco e nulo, e, especialmente, se ausentado. A Argentina só teve uma experiência concreta de segundo turno, em 2015, com Mauricio Macri. No caso específico, ele conseguiu uma virada. A participação eleitoral aumentou ligeiramente em relação ao segundo turno, ou seja, 117.920, correspondendo a 0,46%, e a sua votação pessoal 4.520.691, correspondentes a extraordinários 53,93%. Seu adversário, o peronista Daniel Scioli² também cresceu a um montante de 3.196.199 equivalentes a 35,5%, também um crescimento significativo, porém bem abaixo de Macri em uma diferença absoluta de 704.860 votos iguais a 2,2 pontos percentuais em relação ao eleitorado apto.

Assim, no segundo turno de 2015, a maior participação do eleitorado teve importância marginal na vitória de Macri, conquanto não possa ser desprezível. Esta fatia equivaleu a 16,73% da diferença de votos do vencedor sobre o derrotado. Portanto, havia naquela oportunidade um claro desejo de mudança por parte da sociedade argentina que acabou por se frustrar parcialmente com as condições finais do governo Macri, o que explicou sua derrota já no primeiro turno em 2019. Mais ainda, a conjuntura de 2015 já era de aguda polarização, embora menor do que a que está presente. Em princípio, a maior polarização tende a produzir participação maior no segundo turno, conquanto seja difícil de afirmar se o conjunto dos cidadãos que afluírem às urnas em sua maioria optará pela mudança apesar dos riscos claramente colocados na figura de “*El Loco*” que, não muito diferente de Bolsonaro no Brasil, alerta para eventual risco de fraude na apuração dos votos (apesar de o país não contar com o voto eletrônico) ou se pretende preservar o regime, se é que o regime democrático consiga se segurar com o risco de explosão social provocado por uma situação econômico-financeira beirando o caos.

No entanto, devido à divisão provocada na aliança entre PRO e UCR a situação se torna mais complexa uma vez que o dirigente radical, Gerardo Morales, governador da província de Jujuy, afirmou que fará todo o possível para que Milei não vença por considerar um risco para a democracia e chamou o ex-presidente Macri de “mentiroso” e o acusando de ser o “chefe da

² - Daniel Scioli é o atual embaixador da Argentina no Brasil.

campanha” de Javier Milei. Naquele ano de 2015, a polarização não passava por um claro risco ao regime democrático, como agora.

Apesar de parecer altamente improvável a formação de um consenso entre as principais forças políticas do país imediatamente após o veredito das urnas de que será preciso tomar medidas econômico-fiscais muito duras e, simultaneamente, proteger os setores sociais mais vulneráveis, esse é o único caminho para que este importante país consiga visualizar um futuro promissor não muito distante.

***RUI TAVARES MALUF.** Pesquisador, consultor e professor universitário. Ex-professor da Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo – Escola de Humanidades (2005-2022), das Faculdades Campos Salles (2001-2011) e de outras instituições de ensino superior em cursos de graduação e pós-graduação. Fundador e editor da consultoria e do site *Processo & Decisão*. Doutor em ciência política (USP). Mestre em ciência política (UNICAMP). Autor dos livros *Amadores, Passageiros e Profissionais* (2011) e *Prefeitos na Mira* (2001), ambos pela editora Biruta. Autor de inúmeros artigos sobre política municipal, nacional e internacional do Brasil em relação aos países da América do Sul.

Fontes de informação

Jornais consultados entre os dias 22 e 30 de outubro de 2023

Ambito Financeiro

Clarín

La Nación

La Prensa

Página 12

Outras Fontes de informação

- **Dirección Nacional Electoral (DINE)**. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/dine>

- **Eleições 2023 na Argentina**. Resultados. Disponível em: <http://resultados.gob.ar>

- **Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (INDEC)**. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/>

Anexos

TABELA 1			
<i>Desempenho do candidato Sérgio Massa na eleição presidencial em primeiro turno do dia 22 de outubro de 2023, considerando o percentual de votos em todo o eleitorado, a contribuição percentual da província no total do país e a diferença de Massa sobre os candidatos nas 13 províncias nas quais obteve a primeira colocação</i>			
PROVÍNCIA / CABA	% DO ELEITORADO	CONTRIBUIÇÃO DA PROVÍNCIA NO SEU TOTAL EM %	DIFERENÇA PONTOS PERCENTUAIS SOBRE O 2º
Buenos Aires	32,78	43,80	13,12
Catamarca	30,51	01,03	7,67
Chaco	31,33	03,02	11,42
Corrientes	28,10	02,70	3,84
Entre Rios	24,57	02,87	2,34
Formosa	39,12	01,94	17,41
La Pampa	26,79	00,82	0,98
La Rioja	32,33	01,01	2,71
Rio Negro	28,11	01,72	3,06
Santa Cruz	25,33	00,67	1,06
Santiago Del Estero	50,28	04,18	32,64
Terra do Fogo	27,57	00,42	3,17
Tucumã	36,10	04,89	8,07
MÉDIA DAS 13	30,32		8,27
MÉDIA DAS 24	27,56		
PERCENTUAL ACUMULADO		69,27	
Fonte: Câmara Nacional Eleitoral (CNE), disponível em: http://resultados.gob.ar Dados organizados pelo autor			

TABELA 1.1				
<i>Desempenho do candidato Sérgio Massa nas nove províncias e na CABA no Primeiro Turno das eleições de 22 de outubro de 2023 onde ficou em 2º, 3º e 4º lugar, considerando sua posição na localidade, o percentual de votos obtido no eleitorado, a contribuição percentual desta em seu total, bem como a diferença em pontos percentuais o separando do primeiro colocado</i>				
PROVÍNCIA / CABA	POSIÇÃO	% DE VOTOS NO ELEITORADO	CONTRIBUIÇÃO DA PROVÍNCIA NO SEU TOTAL EM %	DIFERENÇA PONTOS PERCENTUAIS PARA O 1º COLOCADO
Chubut	2º	23,51	1,15	2,01
C.A.B.A	2º	24,13	6,22	6,71
Córdoba	4º	10,08	3,19	15,11
Jujuy	2º	24,99	1,51	3,92
Mendoza	3º	17,92	2,75	13,73
Misiones	2º	27,95	2,85	3,11
Neuquén	2º	24,46	1,39	3,80
Salta	2º	27,61	2,98	2,05
San Juan	2º	25,56	1,53	1,44
San Luis	2º	20,80	0,90	12,37
Santa Fe	2º	21,51	6,23	2,01
MÉDIA		22,58		
PERCENTUAL ACUMULADO			30,73	
Fonte: Câmara Nacional Eleitoral (CNE), disponível em: http://resultados.gob.ar Dados organizados pelo autor				

TABELA 2

*Desempenho do candidato **Javier Milei** nas dez províncias nas quais foi o primeiro colocado, considerando o percentual de votos obtidos nessas províncias, o percentual de contribuição de cada uma dessas em sua votação total e a diferença em pontos percentuais sobre o segundo colocado nessas mesmas províncias*

PROVÍNCIA	% DO ELEITORADO	% CONTRIBUIÇÃO DA PROVÍNCIA EM SEU TOTAL	DIFERENÇA PONTOS PERCENTUAIS SOBRE O 2º COLOCADO
Chubut	25,53	1,53	2,01
Córdoba	25,18	9,76	3,41
Jujuy	28,90	2,14	3,92
Mendoza	31,65	5,95	12,33
Misiones	31,06	3,87	3,11
Neuquén	28,25	1,97	3,80
Salta	29,66	3,92	2,05
San Juan	27,00	1,98	1,44
San Luis	33,17	1,75	12,37
Santa Fé	23,42	8,34	2,01
MÉDIA DAS 10	28,38		4,64
MÉDIA DAS 24	25,01		
PERCENTUAL ACUMULADO		41,21	
